



A experiência do Projeto de Vivência Interdisciplinar em Agroecologia do CTUR-RJ

Diogo Pinto de Souza¹, Leonis Junior Santos da Silva² e Maria Eduarda Vieira de Arruda de Souza³.

¹Professor do Instituto Federal de Goiás (IFG). E-mail: diogomococa@yahoo.com.br; ²Discente do Colégio Técnico da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (CTUR-UFRRJ). E-mail: apolleon21@gmail.com; ³Discente do Colégio Técnico da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (CTUR-UFRRJ). E-mail: maduaard@hotmail.com.

Resumo: O projeto Vivência Interdisciplinar em Agroecologia aconteceu no período de 2014 a 2016, desenvolvido por professores e estudantes do Colégio Técnico da UFRRJ, teve por objetivo da realização de atividades envolvendo entidades que atuam na agroecologia no estado do RJ. O primeiro evento que aconteceu foi realizado parte em Seropédica e outra em São Pedro da Serra, com a formação de sessenta estudantes. O segundo, em 2016, aconteceu no Quilombo São José da Serra, em Valença/RJ, Seropédica e em Silva Jardim, e participaram noventa alunos. Dentro da dimensão integrada entre ensino-pesquisa-extensão, o desdobramento desse trabalho inclui projetos onde os estudantes puderam ter recursos para aprofundar seus estudos na área de interesse. Compreendemos que forma metodológica a dimensão da sensibilidade e das relações efetivas influenciam no bom desempenho de atividades coletivas e na orientação de posturas críticas e respeitadas, tão fundamentais na formação do técnico em agroecologia.

Palavras-chave: Juventude; educação do campo; cultura.

1. Introdução

Este projeto apresenta uma proposta de construção de conhecimentos da prática dos técnicos do Colégio Técnico da Universidade Rural (CTUR), principalmente dos cursos de Agroecologia e Meio Ambiente, articulados ao estudo sobre o campo e a experimentação da comunicação e extensão rural. Trata-se de uma vivência separada em uma carga teórica de produção e uma carga horária de ações socioambientais e de comunicação. Ao passo que se entende os conflitos da juventude rural,



sustentabilidade ambiental e da agricultura familiar, também são exercidas ações do trabalho técnico em ambos os cursos, possibilitando uma atividade de estágio curricular.

O projeto foi construído em 2014 com as discussões na disciplina de introdução a metodologia científica e do projeto de ensino Agroecovivência. Devido ao sucesso de sua realização teve desdobramentos numa segunda versão em janeiro de 2016 e, agora o projeto continua como fruto dessa experiência com o nome de Vivência Agroambiental, ainda sendo protagonizado pelos estudantes com o apoio e orientação de professores. Essas experiências têm consolidado ainda mais as atividades extracurricular do CTUR e sua relação com o movimento agroecológico. “Pode-se afirmar que a Vivência Interdisciplinar em Agroecologia do CTUR foi um processo de formação política, agroecológica e cidadã, para nós, alunos” (Relato de um estudante).

Os cursos técnicos de agroecologia surgiram como propostas de articular demandas socioambientais do campo às alternativas de produção rural sustentável. Sendo herdeiro de um movimento que ao longo de sua trajetória sempre procurou trabalhar de forma mais íntima com a agricultura familiar, compreendendo seus contextos políticos, sociais e econômicos, para buscar alternativas de emancipação dos sujeitos e atores no processo de produção de alimentos livres de agrotóxicos e adubos químicos, estabelecendo uma relação sustentável entre as demandas sociais e o uso dos recursos naturais. Desde então, surge a partir dos últimos anos diferentes cursos de nível técnico no Brasil, com distintos processos de criação e base de formação do profissional agroecólogo. Dessa forma é necessário compreender a necessidade de uma formação diferenciada, embasada no pensamento complexo e no diálogo com a realidade da agricultura familiar (CAPORAL, 2006; JESUS, 1996).

Esta experiência se proteja na dimensão de buscar alternativas didático-pedagógicas que embasam os cursos de agroecologia, por uma formação orientada de princípios no âmbito social, cultural político e filosófico. Cabe-nos caminhar no sentido de experimentar estas ações dentro dos processos formativos através da própria ressignificação dos projetos políticos pedagógicas desses cursos, como a importância dos estágios de vivências.

No momento, a agroecologia também ganha espaço dentro do plano político, com a criação da Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica, em 2012, e o Plano Nacional de Agroecologia



e produção orgânica, em 2013. Tais documentos apresentam propostas para consolidar ações no âmbito da agricultura familiar dentro das esferas do ensino, pesquisa e extensão. Quanto à extensão rural e a assistência técnica, já se encontra anunciada em um plano de elaboração, a proposta da Agência Nacional de Assistência Técnica e Extensão rural (ANATER), que visa potencializar esse setor e as instituições públicas criadas para este fim.

Acontece que dentro deste processo, existe uma forte corrente de atuação do técnico em agroecologia no campo profissional. Sendo assim, é de grande importância para a formação do técnico, o conhecimento sobre a dimensão da comunicação e uma discussão profunda sobre a assistência técnica agroecológica, que por sua vez são instrumentalizados pelo diagnóstico rural participativo, como formas de compreensão da realidade local e a elaboração de projetos para a emancipação de comunidades e atores sociais do campo. Sendo assim, experimentar esses conhecimentos através de vivências com a realidade agrária foi um dos objetivos do projeto.

Segundo perspectivas da atuação do técnico em agroecologia no estado do Rio de Janeiro, é importante compreender os processos e contextos socioambientais que conflitam com as propostas de produção agrícola de base sustentável. Segundo os estudos realizados sobre experiências em agroecologia no estado, observamos que existe uma grande problemática que, se refere ao projeto de desenvolvimento para o estado, que tem se conflitado principalmente entre os interesses públicos, privados e sociais populares, sendo a desapropriação imobiliária e de terras, palco de grandes discussões sobre direito agrário e exploração de recursos naturais.

Sobre essa perspectiva, compreendemos a importância de trazer estes conteúdos para a formação do técnico em agroecologia do CTUR. Neste processo foi apresentado aos estudantes uma proposta de Vivência Interdisciplinar em Agroecologia (VIA), onde puderam constituir seus conhecimentos sobre a realidade no campo e as alternativas de produção agroecológica, como mediadores desses processos de conflitos socioambientais do Rio de Janeiro. Nesse sentido, o projeto começou a tomar forma de acordo com os interesses dos alunos.

A troca de conhecimentos é um dos elementos fundamentais do projeto, todos os participantes possuem saberes que podem ser compartilhados, agregando ainda mais no aprendizado e fazendo com



que essa experiência se torne mais rica. Porém, a maioria dos alunos do CTUR vivem uma realidade urbana e metropolitana, ou sejam, desconhecem a realidade do campo no estado. Visando suprir essa demanda que criamos o cronograma de atividades em áreas onde se desenvolve a agroecologia.

O curso técnico em agroecologia do CTUR se estrutura em projeto de produção sustentável a partir do curso técnico em agropecuária orgânica. No projeto do Ministério da Educação (MEC) em uniformizar a nomenclatura dos cursos profissionalizantes, em 2009, foi criado o catálogo nacional dos cursos técnicos e tecnológicos, passando a ser denominado como curso técnico em agroecologia. Desde então as diretrizes curriculares desses cursos ainda se encontram em elaboração, na medida em que as experiências se articulam, com o objetivo de compreender nas demandas da agricultura familiar o potencial formativo do agroecólogo para atender a realidade local e regional. Segundo CURVELLO (1998), os currículos ainda carecem de atividades com enfoque na formação, que coloque em contato o estudante com o sujeito do campo, devido a falta de compromisso institucional com as ações de extensão rural para a agricultura familiar.

Diante do perfil dos estudantes do colégio, foram construídas propostas para a construção de conhecimentos baseados nos princípios da agroecologia. Sendo os potenciais campos de atuação profissional, na busca por alternativas de produção de base agroecológica em distintos espaços geográficos, o contexto deste movimento no estado tem mostrado que essas experiências dialogam com os conflitos socioambientais regionais. Como forma de estudar esses processos e as tensões que se estabelecem entre a produção de alimentos da agricultura familiar nas dimensões técnica e social, buscou com este projeto uma alternativa de construção de conhecimentos em agroecologia diante do estudo sobre a realidade no campo.

A questão central problemática sobre a juventude no campo dialoga com os anseios de uma sociedade influenciada pelos valores do capitalismo, onde bens e a cultura globalizada define uma filosofia de vida idealizada em estereótipos de sucesso profissional orientada pela prosperidade financeira. Nessa dimensão é impossível conceber uma educação alienada da dimensão ambiental e de uma atuação imediata no campo político e social para transformação desse paradigma (LEFF, 2002).



Esta situação, atrelada às condições de acesso à educação, cultura e lazer no campo, tem levado grande parte dos adolescentes e jovens no campo a não se identificarem com o trabalho agrícola. Na perspectiva da agroecologia, este quadro traz uma preocupação quanto ao enfraquecimento da agricultura familiar, devido ao desinteresse dos jovens do campo a trabalhar nos territórios. Algo preocupante na dimensão da reforma agrária, pois o quadro do êxodo rural na história do Brasil tem potencializado a agricultura industrial, que produz alimentos com altos índices de agrotóxicos.

Diante das expectativas de vida e trabalho no campo que tem levado o jovem a se desestimular, a agroecologia busca uma compreensão da dimensão de relação histórica e de territorialidade na construção da identidade do jovem agricultor. Assim, aponta para o trabalho de base com esses atores, sendo um dos eixos do Plano Nacional de Agroecologia. Nesta dimensão conhecer as relações que se estabelecem sobre o modo de vida no campo a partir do diálogo com a juventude, é uma das propostas deste projeto, que visa a construção de uma leitura sobre as problemáticas do campo brasileiro na ótica da agroecologia e seus sistemas de produção.

Abordar temas do cotidiano do aluno, associando com a vivência e a prática dos conhecimentos, fortalece a ideia de melhor aproveitamento dos estudos e dá outra perspectiva quanto aos conteúdos curriculares para os estudantes. Sendo assim, o projeto tem como objetivo possibilitar a formação do técnico por meio de estudos sobre a realidade através de uma vivência, trazendo as questões socioambientais, políticas e econômica, bem como suas correlações. Realizando desta maneira em atividades práticas as técnicas e tecnologias alternativas de produção agroecológica em diferentes contextos socioambientais no estado do Rio de Janeiro.

2. Descrição e reflexão sobre a experiência

A metodologia do projeto consiste em reunir jovens, com foco no ensino médio, com idade entre 15 e 19 anos, de distintos contextos e territórios para troca de saberes e construção de conhecimentos agroecológicos. O projeto se iniciou em 2014, produzindo a primeira vivência em fevereiro de 2015 com sessenta estudantes do CTUR, quinze estagiários da Universidade Federal Rural



do Rio de Janeiro (UFRRJ), professores, técnicos e pesquisadores de associações e instituições públicas num evento de oito dias.

A organização do evento foi coletiva e integrada às ações em desenvolvimento na região de São Pedro da Serra – Nova Friburgo (RJ), envolvendo as seguintes organizações: Casa dos Saberes, Cooperativa de Consultoria Projetos e Serviços em Desenvolvimento Sustentável (CEDRO), Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Agrobiologia (EMBRAPA), Área de Proteção Ambiental (APA Macaé de cima), Núcleo Interdisciplinar de Agroecologia (NIA-UFRRJ), Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro (AARJ), Associação dos Agricultores Familiares de São Pedro da Serra e Adjacências (AFASPS), ADNET-Florestal, Oficina Escola Mãos de Luz, Sobrado Cultural, C.E. José Marins da Costa, C.E. Carlos Maria Marchon e C.E. Ibelga de Vargem Alta.

A etapa de formação envolvia uma organização e produção de três meses, entre reuniões de articulação, estudo e estruturação da vivência. Foram distribuídas entre a comissão organizadora, de quinze estudantes, as tarefas por categorias: arte e cultura, organização pedagógica, infraestrutura, planejamento e alimentação. Na primeira etapa foram selecionados sessenta jovens que passaram por cursos de formação, palestras e planejamentos das atividades que aconteceriam na segunda etapa.

Com a divisão de tarefas e a realização de oficinas com práticas que transformaram a estrutura do Colégio, como implantação de Sistema Agroflorestal (SAF), Geodésia com Bambu, também a integração possibilitada por diversas dinâmicas de grupo, místicas, músicas e reflexão. Podemos dizer que nesses momentos as relações interpessoais se tornaram mais afetivas e o grupo estava preparado para um segundo momento de imersão em outra realidade.

Os jovens foram inserindo-os em outro contexto socioambiental onde eles tiveram a oportunidade de conviver com a juventude rural, agricultores, residentes de comunidades tradicionais e profissionais responsáveis pela preservação ambiental e produção agroecológica no território de Nova Friburgo. Dando assim a oportunidade desses jovens expandirem os próximos horizontes pessoais e profissionais e quebrarem paradigmas que corrompem a perspectiva da preservação da vida. As atividades foram organizadas de modo a dar visibilidade as ações que já vinham sendo desenvolvidas na região, porém o foco do projeto era atrair a atenção do jovem.



Dessa forma, além das oficinas e visitas às unidades agroecológicas da região, foi montada uma instalação pedagógica na quadra pública de São Pedro da Serra, com a realização das atrações artísticas e culturais, por onde passaram e interagiram mais de duzentas pessoas. A instalação foi pensada na primeira etapa e com um olhar para a realidade local foi construída com ajuda dos jovens do território. Recebeu o nome de “olhares da juventude”, onde os participantes puderam se expressar e assim pudésemos compreender o território através das frases e registros que as pessoas deixaram no material da instalação.

A vivência foi finalizada com atividades no Ponto de Cultura Rural – Sobrado Cultural, em Silva Jardim. Onde tivemos uma experiência riquíssima sobre arte e educação do campo. Durante esse tempo os estudantes, segundo seus relatos, refletiram sobre seus valores sociais e culturais, já que durante o período de vivência eles dividem tarefas domésticas e profissionais, aprendem a respeitar o espaço individual e de uso coletivo e, acima de tudo, a respeitar as diferenças. O grupo ainda teve um dia após toda experiência para elaborar um relatório individual, de onde pudemos tirar nossas reflexões e avaliação do projeto. Tal relato respalda o escrito dessa experiência, nas observações de seus participantes, visto que os estudantes durante todo esse processo foram protagonistas da vivência.

O desdobramento desse projeto durante o ano de 2015 foram os projetos escritos e realizados pelos estudantes que puderam encontrar alguma identidade na atuação técnica da agroecologia. Sendo assim, como projeto de pesquisa foram aprovadas na instituição cinco bolsas em dois planos na área de etnobotânica e políticas públicas de conservação ambiental, possibilitando aprofundar com alguns estudantes os estudos sobre conhecimento popular e comunidades tradicionais, unidades de conservação e políticas de gestão participativa num estudo de caso na APA Macaé de Cima e na comunidade rural de Lumiar.

No âmbito da extensão, o projeto EcoArte e Juventude, Corpo e Ambiente, desenvolveram cursos e formação, oficinas e apresentações artísticas com a temática da agroecologia em diferentes locais, sendo o primeiro aprovado no CTUR com três bolsas para estudantes e o segundo aprovado no programa Bolsas e Auxílios Institucionais de Extensão (BIEXT-UFRRJ), com duas bolsistas estagiárias de graduação. Também se desenvolveram os projetos de ensino Recuperação de Áreas Degradadas com



Sistemas Agroflorestais e Bioconstruções com o uso de Bambu. Tais projetos também foram financiados pela instituição com seis bolsas para estudantes do CTUR desenvolver estudos e práticas na área.

Durante o ano de 2015 a demanda por uma segunda edição do projeto cresceu entre os estudantes do colégio e assim foi construída a segunda etapa da Vivência em parceria com o CEFET-Valença (Centro Federal de Educação Tecnológica – Valença), que vem desenvolvendo ações com o Quilombo São José da Serra. Assim, durante o mês de janeiro de 2016, foi construída a II VIA com uma programação de nove dias. Envolvendo atividades em Valença, Seropédica e Silva Jardim, dessa vez contou com noventa estudantes do CTUR, vinte estagiários da UFRRJ, e a parceria do Quilombo, CEFET, EMBRAPA, NIA-UFRRJ, AARJ e Sobrado Cultural.

Nessa edição a primeira etapa foi realizada com quarenta e cinco estudantes do terceiro ano, que já participaram da I VIA, com três dias de atividades no Quilombo, realizando um estudo orientado sobre o território, práticas agroecológicas e atividades de integração e troca de saberes. A segunda etapa foi construída no CTUR com três dias de atividades que envolvia todos os noventa participantes com palestras, minicursos e atividades artísticas e culturais. O espaço consolidado nesse momento foi de intensas trocas de conhecimentos entre a diversidade do quadro de estudantes que participaram da atividade. Com os estudantes do segundo ano e mais a comissão organizadora encerramos os últimos três dias com vivências na comunidade rural de Silva Jardim, também discutindo sobre políticas públicas e direitos humanos, integrado aos conhecimentos sobre arte e cultura.

Os eixos que compõem o projeto auxiliam na elaboração dos minicursos e oficinas, e são:

- Artes, linguagens e comunicação:

Utilizamos das instalações pedagógicas onde são refletidos os conflitos socioambientais e propostas para a transformação da realidade através de uma atuação crítica como cidadão, é, portanto, um ambiente de sensibilização. Desta forma, ao articular as artes e suas linguagens estamos trabalhando no objetivo de construir espaços de troca de conhecimentos e de diálogo sob a ótica da diversidade e da realidade. Para um grupo que configurou a equipe de comunicação do projeto, ainda foi ofertado cursos de formação na área áudio visual e das artes cênicas. Este conteúdo inserido como



eixo do projeto visa a compreensão das formas de comunicação e das linguagens que conseguem aproximar os atores da troca de saberes no processo de ensino-aprendizagem.

- Técnicas agroecológicas e tecnologias

Pela articulação da pesquisa agroecológica com as demandas da agricultura familiar, este eixo se destina à compreensão das tecnologias apropriadas para o ramo de produção animal e vegetal. Os estudantes que desenvolveram atividades deste eixo foram formados em SAF, Hortas Urbanas, Medicina Alternativa e Bioconstruções. Nele são abordados os temas sobre os princípios de manejo agroecológico, florestal e de produção orgânica, que possam interagir com a realidade da agricultura familiar e seu contexto geográfico e cultural.

- Subjetividades e relações interpessoais

As relações entre os sujeitos do projeto são de construção orientada a fomentar um debate crítico e respeitoso a todas as formas de viver e escolhas ou condições pessoais. Desenvolver a agroecologia em ambientes coletivos nos remota a pensar sobre a formação pessoal, humana e cidadã dos estudantes. Focando nessa dimensão esse eixo orienta as ações sobre a diversidade, os debates, as dinâmicas, apresentações artísticas que tragam tal reflexão.

Neste eixo é tratada também a identidade cultural, a construção de valores e subjetividades que são de fundamental importância para a construção da agroecologia. Desta forma que desenvolvermos discussões sobre a juventude e seus conflitos de relação na identidade com a agricultura. Trouxemos a reflexão da indústria cultural e do paradigma de ascensão econômica como perspectiva de vida, assim como dialogamos sobre o papel da juventude em ressignificar os valores inseridos na cultura da sociedade, que não dialogam com os princípios da agroecologia.

3. Diálogo com os princípios e diretrizes da Educação em Agroecologia



Educar em agroecologia é um grande desafio. Isso não é novidade para educadores que trabalham na construção do conhecimento agroecológico e na produção e socialização de tecnologias para a agricultura familiar. É uma demanda que não se contempla com os métodos convencionais de ensino-aprendizagem e, principalmente, àqueles caracterizado pelo modelo de educação bancária e pelo paradigma científico pedagógico da Revolução verde. Portanto, em todos os níveis de educação, ela pode acontecer em diferentes espaços, e com diferentes metodologias de ensino. Assim, buscamos com esse projeto construir diferentes perspectivas de educação em agroecologia, principalmente para que possa atender o jovem e sua compreensão sobre o mundo. Segundo os princípios da educação em agroecologia construídos no I Seminário Nacional de Educação em Agroecologia¹ (SNEA, 2013), compreendemos que o projeto perpassa por todas elas: Vida, Diversidade, Complexidade e Transformação. Isso vai desde a própria concepção do projeto, sua construção e processos de desdobramento.

A VIA faz um papel de interação com a metodologia teórica da educação para autonomia, onde também são articuladas as questões culturais e de formas de vida, trazendo sempre reflexões sobre as práticas sociais, através de místicas e apresentações, voltando ao campo etéreo e subjetivo da agroecologia. Um exemplo sobre o primeiro princípio foi na segunda edição do evento, onde fomos visitar a árvore sagrada do Quilombo São José da serra, o Jequitibá que nasce de dentro de uma rocha. Aos pés desta árvore são feitas orações, cultos religiosos e outras práticas que remetem respeito e submissão à ancestralidade local. Valorizando ainda mais a simbiose harmônica e respeitosa entre o corpo e ambiente, assim remetendo ao princípio da vida.

As discussões no campo da etnobotânica induziram os estudantes a uma reflexão sobre a diversidade vegetativa e cultural de forma ufanista. Este eixo remeteu aos alunos a importância mística de certas plantas e seus diversos usos por comunidades, simultaneamente desenvolvendo o respeito as formas de pensar e viver. As rodas de conversa com os mestres Griôs das diferentes comunidades (presentes em todas as vivências) abriram os olhos sobre a importância da valorização dos saberes

¹ O I Seminário Nacional de Educação em Agroecologia aconteceu nos dias 3 a 5 de julho de 2013, em Recife/PE. O evento foi idealizado pela Associação Brasileira de Agroecologia (ABA) junto ao Núcleo de Agroecologia em Camponato (NAC) da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).



populares, além da diversidade no campo do conhecimento. Além do nosso grupo de teatro, que sempre preconizou a diversidade de gênero, social, religiosa, entre outras, grupos locais contribuíram no campo da diversidade cultural. Um exemplo forte disto foi à apresentação do Jongo dos moradores do Quilombo e a roda de conversa com a Mãe Tetê, mãe de santo do terreiro de umbanda do local. Ela é uma das moradoras mais antigas da comunidade, além de ser a maior representatividade feminina do quilombo. Estes fatores que contribuíram para a consolidação do princípio de diversidade.

Na primeira edição da VIA, fomos à oficina escola Mãos de Luz, em Lumiar/Nova Friburgo. Lá fizemos uma construção de conhecimentos participativa, considerando a relevância das pessoas, da comunidade e das relações sociais na construção do conhecimento agroecológico. Além disso, foi apresentado o vídeo “Rezas e Ervas” que é um trabalho promovido pelos pontos de cultura “Os Tesouros da Terra” e “Rural Memória Visual”, dirigido por Claudio Paolino (coordenador do Sobrado cultural de Santo Antônio/NF) em parceria com a Secretaria de Cultura do Estado do Rio de Janeiro.

Nele é contada a história do grupo Grãos de Luz, composto por mestres e mestras rezadeiras, parteiras, erveiros, raizeiros e mateiros que compartilham generosamente seus conhecimentos com a comunidade, contribuindo para a preservação e transmissão da herança ancestral da comunidade. Com eles, fizemos uma análise teórica e prática de algumas ervas e suas especificidades (medicinais ou culturais), assim superando a dicotomia entre teoria-prática. Esta valorização da indissociabilidade entre extensão-ensino-pesquisa em forma de vivência estrutura a ligação da VIA com a diretriz da complexidade, uma vez que os estudantes exercitam de maneira vivencial a interlocução de diferentes áreas do conhecimento para leitura da realidade.

A promoção de práticas emancipatórias que visam o protagonismo dos sujeitos, no nosso caso, os jovens, foi o pilar central da VIA. O protagonismo juvenil pode ser notado pela metodologia de organização do evento. A divisão de comissões dava a cada um uma função específica e simultaneamente, a autonomia de resolver imprevistos ao longo do processo. Isto nos deu um conhecimento prático inimaginável. As práticas culturais, principalmente as realizadas pelo grupo Diversidarte (que também é composto por alunos que participavam da vivência), foram um grande processo de transformação do senso crítico tanto dos atores, quanto do público. Os esquetes teatrais



sempre tratavam sobre as desigualdades sociais que vivemos (gênero, raça, etnia, diversidade sexual, intolerância religiosa, etc.) e também as questões da sustentabilidade em agroecologia.

Eram momentos de aprendizado e muita emoção. Além de ser um tipo de aprendizagem horizontal que, rompe com a perspectiva bancária e alienadora da educação. A VIA foi o ambiente que possibilitou os seus participantes a reflexão, pensamento crítico e ação transformadora sobre problemas sociais e políticos. Dessa forma que o princípio da transformação se fez presente na mudança de posturas e quebra de paradigmas, tanto pessoais como institucionais, tendo influência de suas ações até a presente data nas relações que os estudantes estabelecem com a apropriação dos espaços públicos de construção de conhecimentos.

4. Considerações finais

Acreditamos que os estudantes do CTUR puderam ter uma formação técnica diferenciada dos anos anteriores do colégio devido ao desenvolvimento do projeto. Sendo assim, os estudantes pretendem que a VIA seja um programa institucional de estágios de vivência, resgatando a importância da relação com as comunidades na promoção de atividades que contribuem para o fortalecimento da agroecologia e da agricultura familiar no estado do Rio de Janeiro. Dessa forma, o Colégio assume seu compromisso institucional com o desenvolvimento local e a formação de quadros qualificados para atuar na transição agroecológica da região. Os estudantes tiveram uma relação maior com o movimento da agroecologia no estado e com as práticas de produção sustentável, incluindo uma imensa bagagem de conhecimento teórico (tanto científico, quanto cultural e social) e reafirmando a ideia de que a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

Quanto aos frutos de aprendizados do projeto em termos de metodologia de articulação a arte e a cultura se apresentam como um eixo de linguagem importante tanto para atrair a atenção da juventude, como para sensibilizar as pessoas. O processo de formação através da vivência é orientado pelas relações afetivas e de trabalho coletivo. Portanto, foi de grande importância uma orientação pedagógica e dinâmica na condução do trabalho, associado com o acompanhamento psicopedagógico



dos estudantes. Essas atividades envolvem uma questão sensível que nos conduz para a construção de valores sociais e comunitários, elementos fundamentais na formação em agroecologia.

Foi um grande avanço conseguirmos trazer à escola, em período não letivo, alunos com a ânsia de aprender e de participar. Conseguimos construir conhecimentos sobre a produção da agricultura familiar, aumentando o respeito aos atores sociais do campo. Além de trabalhar conceitos de interdisciplinaridade promovendo uma formação holística sobre as relações socioambientais e as políticas públicas do estado do Rio de Janeiro em diferentes contextos territoriais. É incontestável a importância da juventude na luta pela educação em agroecologia, mas também é um grande desafio afirmar a identidade camponesa da juventude no meio rural. Dessa forma que o projeto se apresenta com uma etapa na construção de atividades integradas entre instituições públicas com vistas a fortalecer o movimento da juventude do campo.

Referências

ABA-agroecologia. *Princípios e diretrizes da educação em agroecologia*. 2013. Disponível em <http://www.agroecologia.org.br/files/importedmedia/principios-e-diretrizes-i-seminario-nacional-de-educacao-em-agroecologia.pdf>. Acesso em 20 de agosto de 2016.

CAPORAL, F. R. *Em defesa de um plano nacional de transição agroecológica: compromisso com os atuais e nosso legado para as futuras gerações*. Brasília, 2009. Disponível em <http://www.territoriosdacidadania.gov.br/o/2692895>. Acesso em 20 de agosto de 2016.

CURVELLO, M. A. *O enfoque agroecológico em currículo de curso técnico agrícola*. Tese de doutorado, Rio de Janeiro: PUC/RJ. 1998

JESUS, E.L. de. *Perfil do Profissional para atuar em Agroecologia: Um novo desafio às Escolas de Ciências Agrárias*. In: Formação profissional do Engenheiro Agrônomo. Cruz das Almas, FEAB-UNECONFEA, p. 49-61, 1996. Disponível em <http://comunidades.mda.gov.br/o/887008>. Acesso em 20 de agosto de 2016.

LEFF, E. *Agroecologia e saber ambiental*. In: Agroecologia Desenvolvimento Rural Sustentável. Porto Alegre, v.3, n. 1, p. 36-51. 2002. Disponível em <http://www.ebah.com.br/content/ABAAABQigAl/agroecologia-saber-ambiental>. Acesso em 20 de agosto de 2016.

